

DO FAZER-SE PROFESSOR: AUTO-DIDATISMO E DOCÊNCIA NA EXPERIÊNCIA DE ROCHA POMBO

THE TEACHER MAKING OF: SELF-EDUCATION AND TEACHING IN THE EXPERIENCE OF ROCHA POMBO

Alexandra Lima da Silva

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

Correspondência

Programa de Pós-Graduação em História/ICHS
Av. Fernando Correia da Costa, 2.367 – Boa Esperança
Cuiabá – Mato Grosso – Brasil. CEP: 78060-900
E-mail: alexandralima1075@gmail.com

Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar o processo de fazer-se professor na experiência de Rocha Pombo. Nascido em 1857, na cidade de Morretes, estado do Paraná, José Francisco da Rocha Pombo, ainda muito jovem, ingressou no magistério das primeiras letras e no exercício da escrita em periódicos, publicando artigos relacionados à instrução. Foi poeta, historiador, professor da Escola Normal, membro do Instituto Histórico e Geográfico e jornalista e autor de livros didáticos. O presente trabalho procura explorar os significados do autodidatismo na formação de um professor entre finais do século XIX e primeiras décadas do século XX.

Palavras-chave: Fazer-se; Rocha Pombo; experiência.

Abstract

The objective of this work is to analyze the process of making a teacher in the experience of Rocha Pombo. Born in 1857 in the city of Morretes, Paraná State, José Francisco da Rocha Pombo became a teacher very young and writing in journals publishing articles about education. He was a poet, historian, professor at the Normal School, member of the Historical and Geographic Institute, journalist and author of textbooks. This paper seeks to explore the meanings of self-education in the formation of a teacher in the late nineteenth century to the twentieth century.

Keywords: Making of; Rocha Pombo; experience.

Como se formava um professor de história no século XIX? Havia um lugar único para a formação? Para analisar tais questões, alguns conceitos são chaves cruciais: experiência e autodidatismo.

Ao explorar a trajetória de um professor nascido em meados do século XIX, por exemplo, é possível compreender que o autodidatismo exercia um papel muito importante no processo formativo. Deste modo, sujeitos históricos como os trabalhadores das camadas populares desempenharam um papel ativo e essencial na criação de sua história, na definição de sua própria identidade cultural:

O autodidata tinha, muitas vezes, um entendimento desigual e difícil, mas era seu. Como tinha sido obrigado a encontrar seu próprio caminho intelectual, pouco tomou de empréstimo: sua mente não se movia dentro da rotina estabelecida de uma educação formal.¹

Já a noção de experiência é importante elemento de análise no sentido de não homogeneizar as ações dos sujeitos, uma vez que:

[...] homens e mulheres também retornam como sujeitos [...] não como sujeitos autônomos, “indivíduos livres”, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida, ‘tratam’ essa experiência em sua consciência e sua cultura [...].²

Além das contribuições teóricas do historiador Edward Palmer Thompson, outra importante contribuição são as pesquisas de Ana Maria Galvão, sobretudo no que tange ao complexo universo da cultura escrita e aos papéis da leitura e da escrita nas diferentes temporalidades. Neste sentido, as reflexões desta autora ajudam a embasar os argumentos em favor dos distintos caminhos dos autodidatas no Brasil, inserindo os sujeitos que estava “a margem” na participação social.

As pesquisas de Ana Maria Monteiro têm evidenciado também os distintos modos não escolares de circulação do saber no século XIX, o que pode ser evidenciado pelas trajetórias dos sujeitos, tais como memórias, ou até mesmo, na localização, por exemplo, de escravos de ganho que circulavam pelas cidades e que muitas vezes, sabiam ler e escrever.³ Outras importantes referências sobre o universo dos

¹ THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa III*. A força dos trabalhadores. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 340.

² THOMPSON, E. P. O termo ausente: experiência. In: *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 182.

³ GALVÃO, Ana Maria Oliveira. *Cordel: leitores e ouvintes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

autodidatas são os trabalhos de Martyn Lyons⁴ e Jean Hébrard.⁵

José Francisco José da Rocha Pombo nasceu em 1857, na cidade de Morretes, interior do atual estado do Paraná. Ainda muito jovem, ingressou no magistério das primeiras letras e dedicou-se à escrita de periódicos, publicando artigos relacionados à instrução. Mudou-se para o Rio de Janeiro, então capital da República em 1897, onde passou a frequentar os círculos intelectuais da cidade, em esforços diversos para sobreviver e se estabelecer no campo intelectual. Foi poeta, contista, dicionarista, historiador, professor de História do *Pedagogium*, da Escola Normal, do Colégio Batista, membro do Instituto Histórico e Geográfico e jornalista. Faleceu aos 75 anos, quando acabara de ser eleito para a Academia Brasileira de Letras, sem tomar posse⁶.

Adentrando nos seus próprios escritos, foi possível vislumbrar a diversidade de suportes e temáticas de interesse deste sujeito, visto por mim até então, apenas enquanto “autor de livros didáticos de história”. A estratégia inicial adotada para compreendê-lo foi rastrear as pegadas e registros que deixou em sua longa trajetória de vida, visitando as instituições que pertenceu, suas obras publicadas, manuscritos, dentre outros. Com isto, chamou-me atenção, não somente a abundância dos materiais, mas principalmente, a sua atuação em várias frentes. Em relação aos impressos publicados de sua autoria, é possível apreender que escreveu contos, romances, poesia, livros de história, ensaios, dicionários, livros didáticos.

Quadro 1. As escritas de Rocha Pombo

a) Periódicos	b) Livros (literatura, história, estudos sobre educação, contos, poesia)	c) Livros didáticos	d) Escritas de viagem	e) Outros
<i>Echo dos Campos</i> . semanário consagrado aos interesses gerais da província. Typ do Echo de Campos, 1883. (editor-chefe)	<i>Petruccello</i> . Curitiba: Imprensa Paranaense, 1892.	<i>História da América</i> , para escolas primárias. Rio de Janeiro, H. Garnier, 1903.	<i>Notas de viagem. Norte do Brasil</i> . Rio de Janeiro: Benjamin de Aguilã, 1918.	<i>Dicionário de sinônimos da Língua Portuguesa</i> . Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1914.
<i>O povo</i> . Morretes, Província do Paraná, 1880. (Editor e proprie-	<i>A honra do barão</i> . Curitiba, Typ. da verdade, 1881	<i>História de São Paulo</i> (resumo didático). São Paulo, Weiszflog,		“Carta prefácio”. In: PINEIRO, Xavier. <i>Musa cívi-</i>

⁴ LYONS, Martyn. A leitura e o autodidata. A experiência de leitura de autobiógrafos de classe trabalhadora na Inglaterra, Austrália e França do século XIX. In: LYONS, Martyn. *A palavra impressa: histórias da leitura no século XIX*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999.

⁵ HÉBRARD, Jean. O autodidatismo exemplar: como Valentim Jamerey-Duval aprendeu a ler? In: CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

⁶ *Dicionário Biobibliográfico de Historiadores, Geógrafos e Antropólogos Brasileiros*. v. III. Rio de Janeiro, IHGB, 1991, p. 135.

tário)		1918.		<i>ca. Antologia brasileira destinada às escolas primárias da República</i> . Rio de Janeiro: Livraria Editora Leite Ribeiro e Maurillo, 1920.
	<i>O grande problema</i> (plano de um novo Instituto de Educação). Rio de Janeiro, Cia. Typ. do Brasil, 1900.			“Prefácio”. In: CORREA, Viriato. <i>Histórias da nossa história</i> . Monteiro Lobato e Cia. Editores, 1921.
<i>Revista do IHGB</i> (Colaborador)	<i>No hospício</i> . Rio de Janeiro, H. Garnier, 1905.	<i>História do Brasil</i> para o ensino secundário. S. Paulo, Weiszflog irmãos, 1918.		“Notícia Histórica”. In: <i>Livro de Ouro do Centenário da Independência e da Exposição Internacional do Rio de Janeiro</i> . Rio de Janeiro: Edição do Almanak Laemmert, Anuário do Brasil, 1923.
	<i>História do Brasil, ilustrada</i> . (10 v.). Rio de Janeiro: J. Fonseca Saraiva (vol. I-III); Benjamim de Aguilá (vol. IV-X), 1905-1917.			<i>El espíritu municipal en los tiempos de la colonia</i> . Imprenta y Casa Editores Coni, 1923.
<i>O cenáculo</i> (1890) - Colaborador	<i>Para a história: notas sobre a invasão federalista no Estado do Paraná</i> . Curitiba, Fundação Cultural de Curitiba, 1930.	<i>Historia do Paraná</i> (resumo didactico). S. Paulo, Cia. Melhoramentos de São Paulo, 1929.		Instituto Varnhagen: discurso inaugural proferido na sessão de instalação em 17 de Fevereiro de 1923. Rio de Janeiro: Álvaro Pinto, 1923.
<i>O Diário Paranaense</i> , 1887 (Redator)		<i>Nossa pátria</i> , narração dos factos da história do Brasil, através da sua evolução. S. Paulo, Weiszflog, 1918.		“Um historiador argentino: Ricardo Levene”. <i>Terra de Sol: Revista de Arte e Pensamento</i> , Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, mar. 1924.
	<i>Historia do Brasil</i> (edição de centenário). Rio de	Compêndio de historia da América. Rio de Ja-		“Prefácio”. In: CASCUDO, Câmara. <i>Histó-</i>

	Janeiro, Ed. do Anuário do Brasil [19-]	neiro, Laem- mert& c., 1900.		<i>rias que o tempo leva.</i> (Da História do Rio Grande do Norte). São Paulo: Gráficas de Monteiro Lobato, 1924.
	<i>Historia do estado do Rio Grande do Norte.</i> Ed. comemorativa do centenário da independência do Brasil (1822-1922). Rio de Janeiro, Anuário do Brasil [1922]	História Universal. São Paulo, Cia. Melhoramentos de S. Paulo.		Grandes hombres de la historia americana: San Martín”, 1926.
	<i>O Paraná no centenário. 1500-1900.</i> Rio de Janeiro, Typ. Leuzinger, 1900.			
	<i>Contos e pontos.</i> Porto, Magalhães & Moniz [1911?]			
	<i>A supremacia do ideal</i> (Estudo sobre educação). Cidade de Castro, Typ. de Echo dos campos, 1883.			
	<i>Dadá</i> , 1882.			
	<i>A religião do belo</i> , 1882.			
	<i>Nova crença</i> , 1889.			
	<i>Visões</i> , 1891.			
	<i>A Guairá</i> , 1891.			
	<i>In excelsis</i> , 1895.			
	<i>Marieta</i> , 1896.			
	<i>A grande parábola.</i> Imprensa de Universidade, 1930.			

A partir do quadro das escritas de Rocha Pombo, é possível aferir que os temas relacionados à educação estiveram presentes em sua produção intelectual. Já a escrita e o ensino de história foram preocupações constantes na trajetória do professor a partir do século XX.

Por sua vez, são diferentes as perspectivas sobre Rocha Pombo nos trabalhos acadêmicos, conforme salienta Maria Bega:

Rocha Pombo é uma personagem da história paranaense e brasileira que pode ser abordada em diversas facetas: jornalista, político, historiador oficial da República Velha, deputado provincial pelo Partido Conservador e mais tarde deputado federal pelo Paraná, filólogo e professor. Foi um romancista com extensa produção e com uma das poucas obras de prosa de ficção simbolista – *No Hospício* – publicada em 1905, bem como com incursões no ideário socialista e reformador social.⁷

Tal produção acadêmica tem se dado em diferentes áreas do conhecimento (Literatura, Ciências Sociais, História, Educação) e abordagens, e a justificativa para isto pode ser o caráter complexo, multifacetado e pantanoso da experiência histórica deste sujeito. Deste modo, existem estudos que enfatizam a simpatia de Rocha Pombo às ideias anarquistas, tendo participação na criação da Universidade Popular de Ensino Livre, no que teriam participado outros intelectuais, dentre os quais Manuel Bonfim, Pedro Couto, Sílvio Romero⁸. Destacam-se ainda, trabalhos que apontam a contribuição de Rocha Pombo na criação da Universidade do Paraná.⁹

Estudos na área de Literatura têm analisado a presença da estética simbolista em sua produção literária, sobretudo na obra *No hospício*.¹⁰ Já os estudos em História, especialmente a partir da década de 1990, têm aumentado o interesse pela experiência de Rocha Pombo enquanto historiador,¹¹ evidenciando preocupação com a escrita da história.¹²

⁷ BEGA, Maria Tarcisa S. *Sonho e invenção do Paraná: geração simbolista e a construção de identidade regional*. Tese de Doutorado (Sociologia), USP, São Paulo, 2001, p. 157-158, *Apud* CAMPOS, Névio de. *Intelectuais paranaenses e as concepções de Universidade: 1892-1950*. Tese de doutorado (Educação) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2006.

⁸ LOPES, Milton. *A Universidade Popular: Experiência Educacional Anarquista no Rio de Janeiro*. In: DEMINICIS, Rafael Borges; REIS, Daniel Aarão (Orgs). *História do Anarquismo no Brasil* – Volume I. Niterói; Rio de Janeiro: EdUFF; Mauad, 2006.

⁹ As teses de Maria Tarcisa Silva Bega e Névio de Campos exploram as ações de intelectuais paranaenses em diferentes frentes, como destaque à trajetória de Rocha Pombo, dentre outros. Ainda sobre a intelectualidade paranaense, ver: CAMARGO, Geraldo Leão Veiga de. *Paranismo: arte, ideologia e relações sociais no Para, 1853-1953*. Tese de Doutorado (História) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2007.

¹⁰ SILVEIRA, Allan Valenza da. *Estética simbolista e a filosofia de Nietzsche presentes no romance No hospício, de Rocha Pombo*. Curitiba: UFP, 2005; ZEFERINO, Janier Saulo. *As avessas e o Decadentismo No hospício de Rocha Pombo*. Monografia (Graduação em Letras) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2006. A respeito do uso da obra *No hospício*, ver também: SANTOS, Nádia Maria Weber dos. *Histórias de Sensibilidades: Espaços e Narrativas da Loucura em Três Tempos (Brasil, 1905/1920/1937)*. Tese (Doutorado) – UFRGS. Porto Alegre, 2005.

¹¹ Sobre os olhares de alguns intelectuais da Primeira República, dentre os quais Rocha Pombo, Ângela de Castro Gomes tece importantes considerações. Ver: GOMES, Ângela de Castro. *História e historiadores: a política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

¹² Conforme: SILVA, Augusta Aparecida da. *Entre Deus e a Nação: trajetória de José Francisco da Rocha Pombo*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1997; LUCCHESI, Fernanda. *A história como ideal: reflexões sobre a obra de José Francisco da Rocha Pombo*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2004.

Ivan Norberto dos Santos discutiu os embates e tensões da produção historiográfica no Brasil da Primeira República, a partir do trabalho do intelectual paranaense¹³. A análise das diferenças presentes na escrita de Rocha Pombo em dois momentos da sua produção permite identificar alguns dos elementos fundamentais do debate em torno do fazer historiográfico, suas práticas reguladoras, estratégias narrativas e critérios de legitimação ou de cientificidade. Este autor destaca ainda que prevalece certo esquecimento sobre a experiência de Rocha Pombo, pois:

Curiosamente, seu nome não é lembrado pelos pesquisadores da História da disciplina no Brasil sequer para receber uma crítica negativa ao seu trabalho. Ou quando aparece em pouquíssimos comentaristas ou estudiosos do Pensamento Brasileiro, é através de formulações lacônicas, não fundamentadas e geralmente depreciativas.¹⁴

Diferentes memórias também foram construídas a respeito de Rocha Pombo após a morte do professor paranaense. Para alguns, destacou-se pelo esforço para vencer na vida, tendo ido para muito além da vila de Morretes. Para outros, era lembrado por suas obras e seu trabalho como professor e autor de livros: “Rocha Pombo, professor de grande capacidade, lecionando em diversos estabelecimentos de ensino, simultaneamente, tinha tempo ainda para escrever obras de ficção, ensaios de crítica e compêndios para colégios”.¹⁵

Ou ainda, um consagrado mestre de história:

O escritor Rocha Pombo era um dos mais consagrados mestres de história no país, deixando várias produções históricas e uma grande edição da História do Brasil, tem 10 volumes. O falecimento do ilustre brasileiro foi profundamente sentido nos círculos intelectuais e educativos desta capital.¹⁶

Já os amigos ressaltavam aspectos da personalidade e do temperamento do intelectual:

Poucos homens, no mundo, tiveram como ele, uma alma tão doce, uma sorte tão áspera e uma existência tão difícil. Mas, como ele, poucos conservaram até a morte tanta beleza de coração, tanta serenidade no sofrimento e tanta resignação em carregar o fardo da vida [...]. Não conheci no mundo criatura mais ingênua. Tinha-se a impressão, às vezes, de que Rocha Pombo era a maior criança

¹³ SANTOS, Ivan Norberto dos. *Rocha Pombo: produção historiográfica e escrita didática em história na Primeira República*. Monografia (História) UFRJ. Rio de Janeiro, 2006; SANTOS, Ivan Norberto dos. *A historiografia amadora de Rocha Pombo: embates e tensões na produção historiográfica brasileira da Primeira República*. Dissertação de Mestrado (História) – UFRJ. Rio de Janeiro, 2009.

¹⁴ SANTOS, Ivan Norberto dos. *A historiografia amadora de Rocha Pombo*. *Op. cit.*, p. 16

¹⁵ “Rocha Pombo. A morte do notável historiador”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 27 jun. 1933.

¹⁶ *Diário da Tarde*, Ilhéus, Bahia, 28 jun. 1933.

do mundo. Ele, que sempre viveu nas mais alucinantes dificuldades de dinheiro, nunca soube o valor do dinheiro.¹⁷

Há ainda, os que destacam os feitos e projeção conquistados pelo paranaense de Morretes, tanto em âmbito nacional como internacionalmente: “Rocha Pombo foi produto do seu próprio esforço, criando um nome que transpôs as fronteiras pátrias e era conhecido e admirado no estrangeiro, pela sua formosa inteligência e grande talento”.¹⁸

Apesar da grande ênfase na dimensão pública da vida do intelectual, algumas notas necrológicas enfatizavam aspectos da vida pessoal do paranaense, que já no final da vida vivia muito triste, pois: “Desde que morreu a companheira fiel e amiga, em janeiro último, que Rocha Pombo submergiu numa imensa tristeza. Enfermo, seus padecimentos se agravavam pela saudade da esposa e, o seu amoroso coração deixou também de pulsar”.¹⁹ O jornal *A Noite* foi um dos que destacou outros aspectos da vida pessoal de Rocha Pombo:

Rocha Pombo era filho de Manoel Francisco Pombo, natural de Cascais e de D. Angélica Pires da Rocha Pombo. Foi casado com a Exma. Sra. D. Carmelita Rocha Pombo, recentemente falecida, e deixou os seguintes filhos: Julia da Rocha Bond, casada com o Sr. Aristoteles Bond; Regina da Rocha Pombo, viúva, e Victor da Rocha Pombo. Era genro do poeta Pereira da Silva. O ilustre historiador foi vitimado, segundo o diagnóstico médico, por ‘arteriosclerose e asystolia’. [...] Rocha Pombo foi um amigo d’ *A Noite*, a que estava ligado o seu nome, pois pertenceu ao nosso corpo redatorial, um de seus descendentes: Rocha Pombo Filho, excelente companheiro e jornalista brilhantíssimo, cujas reportagens vibrantes tiveram grande repercussão [...].²⁰

Neste mergulho nas escritas sobre a morte de Rocha Pombo, percebi a construção de diferentes memórias sobre o referido intelectual, em movimentos que evidenciaram diferentes aspectos da vida pública do sujeito, e ainda, com menos ênfase, certos aspectos da vida pessoal do paranaense. Todavia, boa parte destaca as dificuldades enfrentadas para estudar e manter-se no ofício de professor e autor, sendo o autodidatismo sua principal virtude e fonte de conhecimento:

Fez na sua terra natal, pouco mais que os estudos primários, pois não havia ali estabelecimentos de curso secundário. Pobre, de Morretes só pode sair já homem feito, vendo-se, por isso, obrigado a fazer-se um autodidata, mas com a naturalidade de uma verdadeira inclinação. Demonstrando, desde cedo seu pendor pelas letras, fundou na sua pequenina cidade, uma olha hebdomadaria, a

¹⁷ CORREA, Viriato. “Rocha Pombo”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28 jun. 1933.

¹⁸ *Vanguarda*, Rio de Janeiro, 27 jun. 1933.

¹⁹ “Rocha Pombo”. *Correio Marítimo*, Rio de Janeiro, 1 jul. 1933.

²⁰ “Uma luminosa figura intellectual que desaparece”. *A Noite*, Rio de Janeiro, 27 jun. 1933.

primeira que ali aparecia e que ele chamou *O Povo*, visando a propaganda dos ideais republicanos. [...] Foi Rocha Pombo para o Rio de Janeiro em 1897, onde até sua morte trabalhou no magistério superior e, intermitentemente, na imprensa diária. Sempre dedicado às letras, revelou, na capital do país, a principal faceta de seu espírito: a de historiador.²¹

Até finais do século XIX, Rocha Pombo era pouco conhecido nos meios intelectuais, estando fora do circuito da capital federal. Tal marginalidade era tamanha, que Sacramento Blake, escreveu a seu respeito: “José Francisco da Rocha Pombo nasceu em Morretes, atual Estado do Paraná, a 4 de dezembro de 1857. Nada mais sei a seu respeito, senão que escreveu”, destacando, neste ponto, as obras: *Ao povo*; *A religião do Belo*; *A supremacia do Ideal*; e o requerimento e memorial para a criação da Universidade do Paraná. Talvez, na tentativa de ampliar seu círculo de contatos e prestígio social, muda-se junto da esposa, Dona Carmelita Azambuja da Rocha Pombo e dos três filhos (Victor da Rocha Pombo, Julia da Rocha Pombo Bond e Regina da Rocha Pombo) para o Rio de Janeiro em 1897, onde seu campo de produção passa a centrar-se na escrita de obras de cunho historiográfico, e também, no magistério, uma vez que não podia viver somente da pena, aspiração de muitos dos intelectuais do período.²²

Aos 40 anos, mudou-se com a família para o Rio de Janeiro. Nas palavras de Nestor Vitor, paranaense e amigo pessoal de Rocha Pombo, essa era uma idade em que muitos já estariam pensando em arranjar a aposentadoria:

Era ele agora um publicista feito, um homem de verdadeiro saber, um caráter forjado sobre o sofrimento como poucos no Brasil se conhecem. Em certo sentido, porém, estava quase ainda tão cândido como um adolescente pode ser: vinha cheio de simplicidade, de bondade e de fé. Pior do que tudo isso, talvez de relação quase que só contava comigo e com as que eu lhe pudesse dar. Basta dizer que justamente por esse tempo andava eu na minha amizade ardente com Cruz e Sousa, para ver-se desde logo onde viera o grande lutador Cairo.²³

Nestor Vitor ressalta ainda, que, ao começar nova vida no Rio, partindo do zero, Rocha Pombo ganharia o pão, “com a penosa faina diária das lições particulares ou no caráter de mero professor suplementar em que daí por diante ele tem andado frequentemente, pelos nossos institutos públicos de ensino”. Assim, Rocha

²¹ *Folha da Manhã*, São Paulo, 27 jun. 1933.

²² Com relação à vida intelectual e literária no Brasil do contexto do final do século XIX e décadas iniciais do século XX, os estudos têm evidenciado o caráter “polimórfico e polifônico” da categoria, sobretudo no que tange ao ecletismo e à diversidade nas frentes de atuação. Neste sentido, são importantes referências: PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e política no Brasil: entre o povo e a nação*. São Paulo: Ática, 1990; SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões e criação cultural Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003; ALONSO, Angela. *Ideias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

²³ VÍTOR, Nestor. “Rocha Pombo no Rio”. *Correio da Manhã*, 07 dez. 1957.

Pombo buscou conciliar a escrita com o ofício de professor da Escola Normal, onde ingressou em 1898²⁴ e do *Pedagogium*, onde atuava desde o ano de 1902.²⁵

A Diretoria Geral de Instrução Pública—O Diretor Geral de Instrução Pública—Resolve designar nos termos do Art. 17 do Decreto de nº 281 de 27 de Fevereiro de 1902 o cidadão José Francisco da Rocha Pombo para exercer o lugar de professor do curso de História da Civilização brasileira, do *Pedagogium*.²⁶

Na condição de professor de História, passou a escrever também, livros didáticos para o ensino da disciplina escolar:

Chegando ao Rio aos quarenta anos, continuou, aqui, a mesma vida trabalhosa, na imprensa e no magistério, escrevendo numerosos livros, quase todos didáticos. Poeta, contista, romancista, Rocha Pombo foi um ficcionista de mérito, mas aos poucos abandonou essas atividades, para dedicar-se a sua tarefa de historiador, onde se revelou verdadeiro mestre.²⁷

Nesta nova investida na trajetória de Rocha Pombo, as alianças e o pertencimento a instituições respeitadas, como o Instituto Histórico e Geográfico, no ano de 1900, foram de grande peso. O intelectual paranaense atuou como parecerista e avaliador de obras diversas no IHGB. Na atividade de parecerista, contou com a companhia de nomes como Max Fleiuss, Afonso Celso, Sílvio Romero, o que pode ter contribuído não somente para alargar a rede de sociabilidade do intelectual paranaense, como também, o qualificou como autoridade para avaliar outros autores em obras de caráter histórico e geográfico, principalmente.

No ano de 1900 publicou três importantes obras.²⁸ O *Compêndio de História da América*²⁹ teve a primeira edição publicada pela Livraria Laemmert, fruto do prêmio obtido em concurso promovido pela Diretoria Geral da Instrução Pública

²⁴ *O Correio da Manhã*, jun. 1933.

²⁵ De acordo com Mignot, “o *Pedagogium* funcionou de 1890 a 1919, no Rio de Janeiro, com a pretensão de ser um centro impulsionador das reformas, capaz de atualizar o magistério com o que houvesse de mais moderno em termos de ensino. Integrado por um museu pedagógico e sendo responsável por promover conferências, cursos e exposições, editou uma revista e manteve uma biblioteca circulante para empréstimo de livros. Sua criação se deu por iniciativa de Benjamin Constant, que a frente do Ministério da Instrução Pública, Correios e Telégrafos, propôs uma reforma de todos os níveis da educação nacional, reorganizou instituições, alterou e aprovou regulamentos”. In: MIGNOT, Ana C. *O Pedagogium: símbolo da modernidade educacional republicana (1890-1919)*. Projeto de pesquisa financiado pelo CNPq e FAPERJ, 2008-2011.

²⁶ Livro das designações, *Pedagogium*, Distrito Federal, 1909, Arquivo Geral da Cidade.

²⁷ *Correio da manhã*, Rio de Janeiro, 26 jun. 1960.

²⁸ Refiro-me às obras: *O Paraná no centenário. 1500-1900*. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger, 1900; *Compêndio de história da América*. Rio de Janeiro: Laemmert & c, 1900; *O grande problema* (Plano de um novo Instituto de Educação). Rio de Janeiro: Cia. Typ. do Brasil, 1900.

²⁹ MEDRANO, Lilian Inês Zanotti de; VALETON, Luciana de Oliveira; GOMES, Lidiane M de Silva. O Compêndio de História da América, de Rocha Pombo: uma apreciação crítica. In: *Notícia bibliográfica e histórica*. PUC de Campinas, setembro de 2003.

do Rio de Janeiro. Além de emitir parecer favorável, Manuel Bonfim prefaciou a referida obra, evidenciando, assim, certa relação e apreço com o autor contemplado com o prêmio. No parecer, Manuel Bonfim deixa transparecer simpatia pelo estilo e virtudes de Rocha Pombo, descrito como um autor “franco e sincero” com uma exposição repleta de sentimentos, “um espírito apaixonado [...] devorado pelo amor da justiça, abrasado pelos grandes ideais de solidariedade e de progresso, e é sobre isto que se assenta a orientação filosófica do seu trabalho”.³⁰ Na perspectiva de Ivan Norberto dos Santos, mais do que admiração, Manuel Bonfim se identificava com as causas de Rocha Pombo em relação à América Latina, uma vez que:

Manoel Bonfim constituiria uma exceção nessa defesa do apaixonado Rocha Pombo, talvez por uma afinidade intelectual específica, de concordância com algumas das concepções defendidas pelo paranaense, ou também, talvez, para advogar indiretamente em causa de suas próprias idéias [...].³¹

Além do que, Rocha Pombo e Manuel Bonfim participaram, em 1904, da criação da Universidade Popular do Ensino Livre, “ligada ao Partido Operário Independente, ao lado de intelectuais como Evaristo de Moraes, Fabio Luz, Felisbelo Freire, José Veríssimo, Pedro do Couto [...]”.³²

Construções sobre si, memória e autodidatismo

Transitando em vários estilos e gêneros na escrita, convém indagar, em que medida, as obras deste autor ajudam a entender sua trajetória profissional e de vida, compreendendo projetos, defesas e contradições.

Destaco, em meio à abundância e diversidade de materiais produzidos pelo mesmo, o prefácio³³ de um de seus primeiros livros, como ferramenta importante para compreender os primeiros passos na formação do leitor, professor e autor. A obra em questão intitula-se *A supremacia do ideal*, publicado em 1883, quando o autor encontrava-se com vinte e cinco anos. Publicado pela tipografia do *Echo de Campos*, periódico no qual atuava como editor, o livro estrutura-se em quatorze capítulos, respectivamente: “Depois da *Religião do belo*, o meu idealismo”; “Só o ideal vale, sem ele, nada será o poder”; “Um olhar sobre a sociedade moderna”; “Todos os males devidos a falta de educação boa, que venha a educação do seio da família”; “Palavras de Salustio”; “A lei do esforço espiritual”; “O esforço intelectu-

³⁰ BONFIM, Manuel. Parecer. In: POMBO, Rocha. *Compêndio de História da América*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1900, p. VII-XXVII.

³¹ SANTOS, Ivan Norberto. *A historiografia amadora de Rocha Pombo*. Op. cit., p. 77.

³² BOTELHO, André. *Aprendizado do Brasil. A nação em busca dos seus portadores sociais*. Campinas: Ed Unicamp, 2002, p. 67.

³³ A respeito dos estudos que utilizam prefácios, com objetivos distintos, ver: PUGLIA, Daniel. Charles Dickens e Machado de Assis: prefácios aos leitores. Disponível em: www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br. Acesso em: 2 jan. 2010.

al produzido pelo ideal”; “Como se desenvolve o esforço”; “E reinam explicando o poder do esforço”; “Poder do esforço: Turgot”; “O gênio e filho do esforço”; “A tragédia deixa o palco ao drama”.

A obra em questão deixa transparecer que para o autor, a educação seria o seu maior ideal, e esta deveria ser a aspiração de todos os povos humanos, pois somente pela educação, ocorreria a almejada elevação do espírito.

Neste desnudar-se, reconstrói uma memória sobre si,³⁴ remetendo-nos, em muita medida, à noção de “teatro da memória”, em que interpretamos a escrita enquanto palco onde ocorre encenação dos múltiplos papéis sociais e das temporalidades, mesmo que esta, não seja a intenção do sujeito em sua narrativa linear e coerente sobre si. Neste sentido, nas palavras do próprio Rocha Pombo, o escritor nasceu do leitor, uma vez que era, desde muito jovem, ávido leitor de jornais:

Li todos os jornais que me caíam sob as mãos. Não me escapava uma só correspondência do estrangeiro e, de tudo quanto o *Jornal do Comercio*, o *Cruzeiro*, e a *Gazeta de Notícias* publicavam, era o que de preferência me atraía a atenção. Fui sentindo logo um gosto extraordinário pelo jornalismo. Lia mais os jornais do que os livros. Era preciso ser assim mesmo. Os livros exigem certo assentamento e mais reflexão.³⁵

Ora, o interesse pela leitura de jornais deve-se a muitos motivos. Um deles, é o acesso ao jornal, oferta mais abundante, mais barata e de leitura mais rápida, além de o preço do livro em relação ao jornal ser mais caro em finais do século XIX³⁶. Por sua vez, das leituras diárias, logo surgiu a vontade de escrever. O primeiro artigo, advindo de sua experiência no magistério como professor de primeiras letras das crianças da região em que vivia, foi enviado à Revista *A Escola*, editada na corte por Seraphim Alves:

³⁴ Uma importante referência sobre os usos da memória nas pesquisas em História da Educação é o professor espanhol Antônio Vinão. Tal autor indica as distintas modalidades de memórias (memórias de infância, adolescência, juventude), o que no presente trabalho torna-se essencial, sobretudo no entendimento dos diferentes sentidos dos livros de leitura para os sujeitos históricos em questão. Ver: VIÑAO, Antonio. Las autobiografías, memorías y diarios como fuente histórico-educativa: tipología y usos. *Teias* - Revista da Faculdade de Educação. Rio de Janeiro, n. 1, jun. 2000, p. 82-97. Ainda em relação aos usos da memória nas pesquisas em História da Educação, ver: MIGNOT, Ana Chrystina; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos. (Orgs). *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2002.

³⁵ POMBO, José Francisco da Rocha. *A supremacia do ideal* (Estudo sobre educação). Cidade do Castro: Typografia do Echo de Campos, novembro de 1883, p. 9.

³⁶ Dentre as referências importantes sobre imprensa e periodismo no Brasil, ver: SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Mauad, 1994; MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

Fiquei muitíssimo satisfeito quando vi impresso o meu primeiro artigo, sob este título de mal disfarçada vaidade, “Duas palavras sobre a instrução pública”. Ao escrevê-lo, de certo, só me lembrava que era professor. Envieio-o a um editor da corte, o Sr. Seraphim José Alves. Quinze dias depois, cheio de orgulho e de força, soberbo do triunfo, eu mostrava ao meu amigo o artigo estampado pachoalmente na revista - *A Escola* (volume II, p. 163).³⁷

Autodidata, declarava que tinha mania de aprender e estudar, alegando que “Em geral, eu gostava de estudos que me deixassem alguma coisa de real: história, costumes, legislação, antiguidades, etc. Mas o que eu queria mais era escrever”.³⁸ Neste momento de sua vida, não tinha frequentado um curso superior³⁹ ainda, sendo a aquisição de conhecimentos para a escrita de seus textos advinda exclusivamente da leitura de autores como Auguste Comte, Charles Darwin, Herbert Spencer.

Por sua vez, a motivação para continuar divulgando seus artigos cresceu ainda mais após a publicação em âmbito internacional de outro artigo na revista *A Escola*:

Uma das malas subseqüentes trouxera-me da corte, com outro artigo publicado na *Escola*, uma carta do editor que me fez subir muito a meus próprios olhos. Que impulso poderoso valeu uma simples carta para a minha inclinação! Nela me dizia o Sr Seraphim isto, pouco mais ou menos: ‘Tenho o prazer de comunicarlhe que o seu primeiro artigo da *Escola* foi transcrito na *Revista del Plata*, de Buenos Aires’. Faça o leitor uma ideia da impressão que tal carta produziu em meu espírito, da imensa força que ela deu a nascente mania de escrever que me assanhava. Mas sempre a dar voltas com a política. Todavia, eu estudava muito. Tinha a paixão de saber e de pensar.⁴⁰

A partir da análise da própria escrita sobre si de Rocha Pombo, é possível interpretar que a escrita e o magistério tornam-se seu ofício principal, o meio de sobreviver e garantir o sustento da família. Para alguns de seus biógrafos, teria fracassado como periodista, mas teria vencido como autor de livros. Todavia, era o magistério seu principal ofício e meio de sobrevivência.

Além do magistério, outra atividade importante na trajetória de Rocha Pombo foi a escrita de livros didáticos de história. Para o professor paranaense, tal atividade era extremamente importante, pois concebia o livro didático como fundamental no processo de construção de uma nação instruída.

³⁷ POMBO, Rocha. *A supremacia do ideal*. *Op. cit.*, p. 10.

³⁸ *Ibidem*, p. 19.

³⁹ Apenas no ano de 1912 Rocha Pombo concluiu o curso de Ciências Jurídicas, no Rio de Janeiro.

⁴⁰ POMBO, Rocha. *A supremacia do ideal*. *Op. cit.*, p. 11.

Deste modo, os significados da escrita de livros didáticos, entre meados do século XIX e décadas iniciais do século XX, eram múltiplos. Tais proposições têm como preocupação contribuir para uma reflexão sobre a importância do acesso ao mundo das letras enquanto um processo para além dos públicos escolares, incluindo outras experiências, como um possível “autodidatismo” nas camadas populares, por exemplo, ou ainda, os esforços para divulgar a história nacional aos “homens simples do povo”, o “comum dos homens”:

O conhecimento da história de um povo não se adquire rapidamente no decurso de um ano escolar: - nesse período aprende o que mais importante nela se observa. Aliás, para o comum dos homens para os que se não destinam a cultores extremados da evolução de seu país, não é necessário o relato minucioso dos fatos de sua história. Dá-se-lhes, nestes casos, uma noção dos principais acontecimentos, fazendo ressaltar os tipos eminentes que neles figuraram.⁴¹

Neste sentido, estudos têm indicado a importância de se refletir sobre a possibilidade de uma ampliação e diversificação do público leitor de um modo geral, extrapolando as instituições de ensino oficiais da época e também, a esfera da capital federal, indicando com isto o desenvolvimento de diferentes modos e usos da leitura já partir do século XIX, concebendo os livros didáticos para além do universo escolar, incluindo, assim, os possíveis usos realizados pelas camadas populares, como por exemplo, alunos de cursos noturnos, leitores autodidatas,⁴² o que se evidencia nas intenções de alguns autores e editores que buscavam produzir livros acessíveis também à “gente comum”.⁴³

Tal movimento de ampliação do público leitor foi estudado por Martyn Lyons, para o qual, o público leitor do mundo ocidental se alfabetizou massivamente no século XIX, sendo importantes elementos nesse processo, a ampliação da educação primária, a redução da jornada de trabalho, o que propiciou mais tempo livre para a leitura e a oferta de livros mais acessíveis a todos os bolsos. Assim, os editores tiveram papel fundamental, pois exploravam plenamente as novas oportunidades, produzindo publicações baratas para serem entregues a um público mais amplo, no qual se incluíam mulheres, crianças e trabalhadores.⁴⁴

O livro escrito para uso na Escola Normal, por exemplo, demonstra que este público necessitaria, nas concepções daquele período, de noções essenciais

⁴¹ COUTO, Pedro. *Pontos de História do Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jacinto Ribeiro Editor, 1920. Grifos meus.

⁴² Sobre as possibilidades do autodidatismo, ver: HERBRARD, Jean. O autodidatismo exemplar. *Op. cit.*, p. 35-73.

⁴³ SILVA, Alexandra Lima da. *Ensino e mercado editorial de livros didáticos de história do Brasil (1870-1924)*. Dissertação (Mestrado em História Social) – UFF. Niterói, 2008.

⁴⁴ LYONS, Martyn. Los nuevos lectores del siglo XIX: mujeres, niños, obreros. In: CAVALLLO, Gugliermo; CHARTIER, Roger. *Historia de la lectura en el mundo occidental*. Madrid: Taurus, 1998, p. 473-517.

para a instrução das crianças, sem necessidade de um aprofundamento maior das questões, utilizando-se outros compêndios, sendo algo não “muito elaborado”, dispensando pesquisa elaborada. O que é diferente da composição de livros para outros públicos, que necessitariam de mais atenção à pesquisa documental.⁴⁵

Já os livros para o público infantil e “popular” evidenciaram inúmeras especificidades, como formato e tamanho reduzidos, uso de imagens, linguagem mais simples. É interessante observar que os livros escritos para “os homens simples do povo” eram os mesmos dedicados às crianças, indicando que os métodos e linguagens utilizados para ambos podiam ser os mesmos ou semelhantes apesar de estes dois públicos serem distintos em experiências e necessidades.

Através de algumas pistas e indícios dos próprios livros didáticos, é possível apreender algumas possibilidades de usos do livro didático pelas expectativas dos autores e a relação de professores e alunos com o mesmo em sala de aula. No que se refere à finalidade dos livros didáticos, estes eram utilizados em diferentes colégios da cidade do Rio de Janeiro e do país, a fim de acompanhar os pontos exigidos nos exames preparatórios. Neste sentido, os livros didáticos também cumpriram um papel importante na consolidação de conteúdos históricos, para públicos mais amplos talvez do que os programas de ensino que atingiam mais diretamente os professores, diretores e proprietários de escolas.

Além disto, apreendemos que os livros didáticos eram necessários tanto para a formação do professor, como do aluno ou dos pais do mesmo, uma vez que os alunos muitas vezes iniciavam o processo de letramento na própria casa: “Somos um país de autodidatas que se aforçuram por formar a própria escola, e nessa construção, gasta metade das energias que deveriam servir ao bem da sociedade [...]”.⁴⁶

Daí em diante é possível compreender os significados do crescente investimento em cartilhas para crianças e para adultos, bem como o aumento gradual na produção didática voltada para as séries elementares, dada a importância atribuída ao livro na dinâmica das aulas, apoiadas em “lições”: “A professora narrava a lição - cada um adotava o livro que bem queria, e o nosso trabalho todo era ficar a ler em voz alta textos diferentes, enquanto os minutos corriam lentamente”.⁴⁷

O manual *História do Brasil*, de autoria de João Ribeiro, seria utilizado tanto pelo professor como pelo aluno, cabendo ao professor o direcionamento através de sua inteligência e habilidades para a utilização de mapas, quadros, articulados à leitura do livro com os alunos:

⁴⁵ ESTRADA, Joaquim Osório Duque. *História do Brasil* (Para uso das escolas normais). Rio de Janeiro: Jacinto Ribeiro Editor, 1918.

⁴⁶ ALVES, Isaiás. *Vida e obra do Barão de Macaúbas*. Edições Infância e Juventude, 1936, p. 15.

⁴⁷ BROCA, Brito. *Memórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968, p. 43.

O manual de João Ribeiro constitui uma excelente guia naquele sentido. O aluno só terá que ler do seu livro as narrações e fatos capitais da história nacional, o que se pode chamar de parte dramática dos acontecimentos; o mais fica a cargo do professor. O compêndio fornece todas as indicações que o devem induzir a estudar [...]. Esta direção no compêndio é dada ao mestre inteligente com critério desejável, o que não o priva de modificá-lo, de acordo com a crítica que cada professor tenha conseguido fazer sobre documentos originais.⁴⁸

Neste aspecto, o livro seria indicado como “chave” de ensino e iniciação e formação dos professores, tamanha a qualidade desta obra e do referido autor.

Considerações finais

A experiência de Rocha Pombo permite refletir sobre a ideia de formação a partir do fazer-se “como processo contínuo, que ocorre ao longo de toda uma vida e não apenas num dado momento ou lugar. Possibilita-se pensar na incompletude do ser humano e no seu eterno fazer-se”.⁴⁹ Além deste aspecto, o autodidatismo é outro elemento importante a ser considerado no caso de Rocha Pombo e de muitos outros professores do período e ainda nos dias atuais. Além da leitura de impressos como jornais, os livros didáticos tornaram-se importantes recursos na prática cotidiana de muitos professores no Brasil.

Outro aspecto é a noção de experiência como elemento de distinção e requisito necessário para ser professor. Assim, a docência associa-se à prática e ao próprio exercício do magistério ao longo de anos. No caso Rocha Pombo, este iniciou a carreira como professor de primeiras letras, e gradualmente, foi ampliando o campo de atuação profissional, tendo inclusive atuado durante trinta anos, como professor de história na Escola Normal do Distrito Federal, por exemplo. No caso analisado, o professor fora um autodidata até 1912, ano no qual obteve diploma de Bacharel em Ciências Jurídicas, aos 55 anos de idade. Durante boa parte da vida, dispunha de experiência e conhecimentos adquiridos com a vida e seus esforços próprios, além de ter frequentado os círculos intelectuais de seu tempo.⁵⁰

⁴⁸ ARARIPE JÚNIOR. Prefácio. In: RIBEIRO, João. *História do Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1900, p. 8.

⁴⁹ PAIM, Elison Antonio. Do formar ao fazer-se professor. In: MONTEIRO, Ana Maria; GASPARRELO, Arlette; MAGALHÃES, Marcelo (Orgs). *Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 162.

⁵⁰ SILVA, Alexandra Lima da. *Escritas de viagem, escritas da História: estratégias de legitimação de Rocha Pombo no campo intelectual*. Tese (Doutorado em Educação) – UERJ. Rio de Janeiro, 2012.

Para muitos daqueles que escreveram as necrologias do professor paranaense, ao dedicar toda uma vida à escrita e ao magistério, Rocha Pombo não teria tido tempo de enriquecer. Viúvo, morreu pobre entre seus livros, na modesta residência à Rua Joaquim da Távora, nº 39, no Engenho Novo.

Artigo recebido em 30 de junho de 2015.

Aprovado em 27 de julho de 2015